

DISCUTINDO MOVIMENTOS

Uma aproximação entre os ciclos naturais e urbanos

*Andrews Dubois Jobim*¹

Resumo

O ensaio objetiva sensibilizar às tensões envolvidas no ato de pensar a cidade. Propõe traçar uma linha que cruza diversos planos que se sobrepõem nessa discussão, tentando pô-la em movimento pela influência do pensamento de Deleuze e Guattari. Parte da contraposição de ciclos de movimentos naturais e movimentos urbanos a partir da posição de um observador, que pelas suas experiências, toma um grupo como estranho e outro como familiar. Ao pontuar o modo como aprendemos e a importância da experiência para a produção de diferenças, considera-se as diferentes formas de agenciamentos para a produção dessas experiências, o que coloca os aparatos tecnológicos como importantes ferramentas desse processo.

Palavras-chave: aprendizado, urbano, experiência, tecnologia.

DISCUSSING MOVEMENTS

An approximation between natural and urban cycles

Abstract

The essay aims to raise awareness of the tensions involved in thinking about the city. It proposes to draw a line that crosses several planes that overlap in this discussion, trying to set it in motion by the influence of the thoughts of Deleuze and Guattari. It starts from the opposition of cycles of natural movements and urban movements based on the position of an observer, who, through his experiences, takes a group as a stranger and another as a family member. When punctuating the way we learn and the importance of experience for the production of differences, it considers the different forms of agency for the production of these experiences, which places technological devices as important tools of this process.

Keywords: learning, urban, experience, technology.

Introdução

Como devemos pensar a cidade? Não basta que simplesmente levantemos soluções metodológicas que venham a resolver de forma quase mecânica as questões encontradas em campo. Toda uma problemática por trás da tarefa exploratória deve ser considerada para não tomarmos de assalto o fenômeno urbano. Mais do que fazer uma pergunta e esperar uma resposta fechada, é importante percebermos a complexidade das mais simples relações existentes, o que chama ao cuidado de não tirar os diversos elementos de relação. Esquecer disso é dificultar sua entrega à experiência, optar por bloquear maquinações e, conseqüentemente, permanecer enviesado em relação aos problemas que pretende-se explorar.

Este breve ensaio tem o intuito de suscitar em seus leitores a atenção às tensões envolvidas no *pensar a cidade*. Não pretende de forma alguma esgotar a temática, mas traçar uma linha que atravesse diversos planos que se sobrepõem em sua experiência, se valendo da influência do pensamento de Deleuze e Guattari para pôr esta linha em movimento. Parte de um acontecimento muitas vezes distante e *estranho*, para o contrapor a outro próximo e *íntimo*, destacando movimentos de cada acontecimento a partir da posição de um observador. Mas quem? um cidadão, o habitante de uma cidade, que *territorializado* em função desta, se vê aberto a seus fluxos e fechado para outros. No entanto, essa situação parece modificável quando consideramos que aprendemos pela dissolução do eu para a produção da diferença a partir da experiência. E que se esta é fundamental, então é importante considerar diferentes formas de agenciamentos para a produção de experiências variadas, o que coloca os aparatos tecnológicos como importantes ferramentas desse processo. Tudo isso para tentar sensibilizar-se aos múltiplos territórios que compõem a máquina urbana.

Movimentos

Uma estranha similitude marca o comportamento de dois compostos muito distintos. Trata-se da água do mar e das areias do deserto. De saída, podemos apontar a diferença entre os estados de agregação molecular, pois um é líquido e o outro é sólido. Também se distingue o meio em que se encontram, estando um saturado pelo próprio composto e o outro variando a saturação conforme a presença de fluido intersticial (ar). Além disso, há diferenças marcantes no comportamento das partículas desses compostos, estando as moléculas de água em constante relação de atração e repulsão entre si, enquanto os grãos de areia interagem principalmente por forças repulsivas de compressão. Tais diferenças, no entanto, não impedem um mesmo tipo de interação desses compostos com o ar. É como se os dois compostos tivessem aprendido um mesmo comportamento, como podemos verificar nas Figuras 1 e 2.

Esse comportamento repetitivo é apenas um dos tantos que modificam a forma do mundo em que habitamos. E que provavelmente foi primeiro notado por observadores que tiveram contato com ambas as paisagens, isto é, experienciaram locais em que esse fenômeno ocorre. Porém, muitos podem ter passado por essas paisagens sem perceber a coincidência, até porque o comportamento de ambos os compostos apresenta diferenças de ritmo – por conta da fluidez da água, o movimento ondulatório apresenta maior variação, ao passo que com a areia, a ondulação ocorre mais lentamente. Graças aos avanços técnicos, podemos decalcar os movimentos e colocá-los lado a lado para chamar a atenção para esse fenômeno, bem como observar e acompanhar o movimento molecular que o produz. Agora quem conheceu os locais em que isso se dá, poderá tentar buscar na memória a lembrança do fenômeno, ao passo que quem ainda não conheceu, poderá estar sensibilizado a essa percepção quando experienciar os locais.

¹ Licenciado em Filosofia. Especialização em andamento em Ensino de Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas.

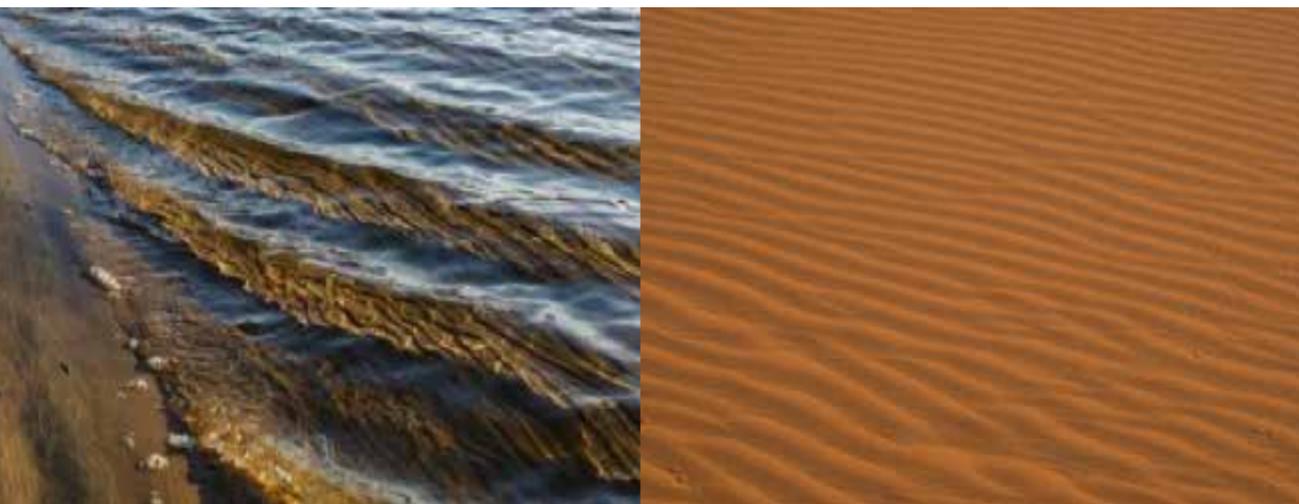


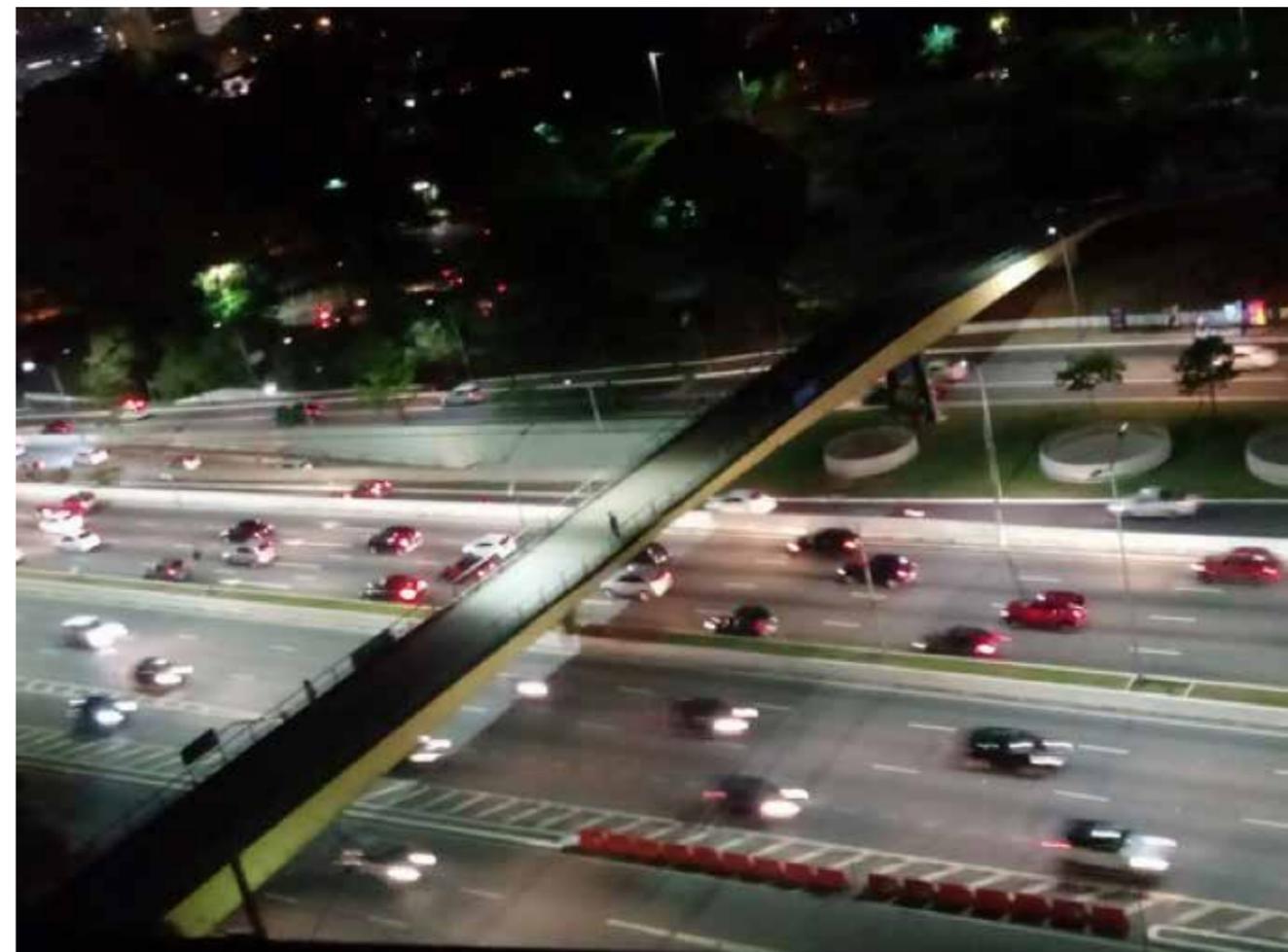
Figura 1 - Ondas formadas pela água. Imagem: Erik Astrom, 2019. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/156501403@N04/33568822168/in/photostream/>. Figura 2 - Ondas formadas pela areia. Imagem: Hans Hillewaert, 2007. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/81858878@N00/8996052398>

Podemos nos questionar sobre o papel dos grãos ou das gotas (ou ainda, das moléculas de água) que fazem parte desses compostos. Cada indivíduo possui um sentido em si mesmo ou é determinado pelo todo? É o grão de areia que faz o movimento da duna, ou é somente pela imponência da duna que é definido o grão de areia? Ao que parece, há uma complexidade inerente a esse acontecimento, que não permite uma redução à binarismos. Tanto a água do mar quanto as areias do deserto são conjuntos de partículas individuais em ritmado movimento de produção de diferença. Cada uma condiciona o macromovimento ao passo em que é condicionada em seu micromovimento.

No entanto, não se pretende aqui simplesmente comentar o movimento do mar ou das areias. O que se quer chamar a atenção é para a confluência de elementos heterogêneos em função de ciclos e repetições – é somente quando os grãos de areia entram em ressonância com o ritmo do deslocamento do ar, que o movimento ondulatório se torna possível. Seguindo essa lógica das interações moleculares de elementos heterônomos para a estruturação de compostos complexos, vejamos um possível modo de pensar a cidade:

A cidade é o correlato da estrada. Ela só existe em função de uma circulação e de circuitos; ela é um ponto assinalável sobre os circuitos que a criam ou que ela cria. Ela se define por entradas e saídas, é preciso que alguma coisa aí entre e daí saia. Ela impõe uma frequência. Ela opera uma polarização da matéria, inerte, vivente ou humana; ela faz com que o phylum, os fluxos passem aqui ou ali, sobre as linhas horizontais. É um fenômeno de trans-consistência, é uma rede, porque ela está fundamentalmente em relação com outras cidades. Ela representa um limiar de desterritorialização, pois é preciso que o material qualquer seja suficientemente desterritorializado para entrar na rede, submeter-se à polarização, seguir o circuito de recodificação urbana e itinerária (DELEUZE; GUATTARI, 1997b, p.107).

Assim como as dunas ou mar, os movimentos de ressonância entre os elementos em uma cidade perdem-se numa miríade de movimentos internos e externos. A cidade coloca em interação diversos elementos heterogêneos, não em função de um lugar, mas de um *território*. É a partir do território que os agenciamentos são produzidos (DELEUZE; GUATTARI, 1997b), em que todos os elementos que o compõe ganham sentido, articulando possibilidades subjetivas de existência.



No entanto, não se trata de uma noção de território *fechada*, que encerraria todas as possibilidades em seu interior, mas de um território aberto às possibilidades de desterritorialização, que são a garantia da possibilidade de reterritorialização em outros territórios. A cidade opera como um filtro polarizador, que recebe, redireciona e encaminha múltiplos fluxos que recebe. Ela conecta os macroterritórios (outras cidades, por exemplo) e os microterritórios que comporta (*minha casa, meu trabalho, meu corpo...*), estabelecendo linhas de junção e intersecção. É por motivos diferentes que cada pessoa sai de casa e se desloca pela cidade. Porém esses motivos fazem convergir para pontos comuns, como estações de metrô ou centros comerciais, onde as trocas e as disputas ocorrem, num intenso jogo de afetos. Tudo ocorre junto com todos – tudo afetando todos no território, direta ou indiretamente. Cidades são como megamáquinas que produzem subjetividades (GUATTARI, 1992).

Mas que impressões teriam seres celestiais se observassem o movimento de uma cidade? Seriam capazes de encontrar padrões que sequer imaginamos ou veriam apenas um caótico movimento de minúsculos pontos? Ou ainda, conseguiriam entender absolutamente as razões que levam cada pessoa a se deslocar? Por que um grão de areia se desloca numa duna? Nós realmente sabemos o porquê somos o que somos e fazemos o que fazemos?

O habitante de uma cidade é capaz de reconhecer a complexidade dos fluxos e intensidades que esta produz, envolvendo não apenas os aspectos infraestruturais, como também os subjetivos. Isso porque se percebe como um ser desejante, que se coloca intencionalmente em movimento. Apesar de não compreender a totalidade das trocas operadas na cidade, percebe que há um sentido em sua organização e

Figura 3 - Partículas da cidade de São Paulo em trânsito. Fonte: Acento do autor, 2019.



funcionamento – o que inclui rotinas, sinais, ciclos e espaços. Chega-se ao ponto de haver até a determinação de um momento em que pode fazer nada. Em suma, esse sujeito aprendeu os códigos da cidade e quem ele mesmo é a partir de seu território, da experiência com as trocas materiais e energéticas da cidade. Dos modos como se agencia, na maior parte do tempo sequer se questiona sobre os movimentos que realiza, transitando por espaços movimentados sem a mínima dúvida de que muito está acontecendo ao seu redor.

O mesmo não se dá se considerarmos um ordinário cidadão em um ambiente o qual não habita. A posição que inicialmente assumirá será a de um *estranho*, isto é, alguém que não pertence e não domina os códigos. Contando apenas com sua experiência sensível, estará bloqueado para as forças que atravessam o território. Prova disso é a provável opinião que poderia ter ao contemplar uma duna: “nada de mais está ocorrendo aqui”. Isto se dá porque o visitante das dunas está territorializado na cidade, tomando as dunas como contrapontos, isto é, elementos exteriores que são incorporados ao seu agenciamento. Seria preciso haver uma reterritorialização para que o cidadão fosse capaz de ordenar os fluxos da duna – maquirar-se junto a duna. Lembremos que “as máquinas são sempre chaves singulares que abrem ou fecham um agenciamento, um território” (DELEUZE; GUATTARI, 1997a, p. 129).

No entanto, esse processo não conta com fórmulas. Temos de ter em mente que não é possível saber como uma pessoa aprende (DELEUZE, 2018). Uma vez que cada indivíduo é singular em suas experiências, as relações que possibilitam o aprender são sempre heterogêneas, diferindo entre si conforme as intensidades das forças que entram em contato. Cada um aprende de uma maneira diferente, não existindo métodos que possam garantir o aprendizado. Entretanto, fundamental parece ser o desprendimento, tanto das concepções anteriores quanto de si próprio, pois é preciso haver uma abertura ao outro, que dissolve o eu e inaugura o aprendido (a diferença). Em outras palavras, é preciso se abrir aos atravessamentos que a experiência oferece, sem medo de ser modificado nesse processo. É preciso que o cidadão abandone os medos do abismo nos limites de seu território, e se lance no desconhecido enquanto desconhecido.

Portanto, aprender depende do modo como extraímos e conservamos o ser do devir que experimentamos, e do modo como o ser do movimento de produção de corpos é extraído e conservado pelos dispositivos cerebrais. Isso constitui um processo duplo: extração da diferença e possibilidade de sua repetição. Não se trata de encontrar uma identidade na experiência, mas algo no acontecimento que sirva de gatilho para a produção da diferença que deseja se diferenciar de si mesma (FUGANTI, 2009). Aprender é conectar uma sensação a uma ideia, para uma circunstância que nunca se repete, implicando numa corporificação do aprender. Há uma necessária passagem para o âmbito da vida, em que cada um reconheça a sua forma de experimentar o novo. O que se dá através de uma via imprevisível marcada por encontros e amores (SCHÉRER, 2005).

Dessa forma, quem se propõe a não apenas habitar, mas pensar a cidade, tem de inicialmente se perceber imerso em uma grande quantidade de códigos. Que todas as suas experiências, seja dos objetos ou de si próprio, apenas expressam uma articulação dos elementos do território que habita. Portanto, qualquer interpretação que faça estará vinculada às experiências que teve e ao modo como reteve o devir. Se quiser de fato pensar as múltiplas forças em movimento na cidade, terá de inicialmente não encará-las como meros contrapontos, mas como outras possibilidades de atualização. Não tendo garantias de métodos, uma vez que o determinante não é o resultado mas o caminho, o sujeito terá de desprender-se do eu para experimentar o diferente. Como um nômade, terá de abrir mão do seu território para vagar em múltiplos territórios, sem pretender fixar-se nestes. São exigidas metodologias adequadas à complexidade para abordar o objeto urbano (GUATTARI, 1992).

Mas como experimentar a cidade, então? Considerando que habitamos um território e que preenchemos uma posição em que este nos coloca, conseqüentemente se revelam limitações no alcance de nossa subjetividade. Ou seja, por conta de nossa disposição, suprimimos muitos elementos para pôr outros em evidência. É assim que de alguma forma destacamos acontecimentos do caos, isto é, do excesso de movimento (DELEUZE; GUATTARI, 2010). Porém, como não há uma única abordagem capaz de abarcar a totalidade do fenômeno urbano, não poderíamos contar com uma espécie de *reterritorialização absoluta*, em que o todo se manifestaria numa espécie de *onisciência*.

Para o múltiplo, é necessário um método que o faça efetivamente; nenhuma astúcia tipográfica, nenhuma habilidade lexical, mistura ou criação de palavras, nenhuma audácia sintática podem substituí-lo. Estas, de fato, mais freqüentemente, são apenas procedimentos miméticos destinados a disseminar ou deslocar uma unidade mantida numa outra dimensão para um livro-imagem (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.33).

Tanto teoricamente quanto corporalmente, é preciso experimentar. É preciso deslocar-se, buscando alcançar os múltiplos atravessamentos, não de forma a pontuar diferenças entre elementos heterogêneos, mas as diferenças que são produzidas na relação entre esses elementos². Na experiência teórica, isso inclui uma abordagem não apenas multidisciplinar, mas transdisciplinar (GUATTARI, 1992), em que os diversos planos são postos em relação para pensar o mesmo acontecimento. Dessa forma, não se limita as possibilidades do urbano ao estrutural, econômico, social, ou psicológico mas ao complexo que tudo isso compõe. A experiência corporal deve operar da mesma forma, com a visita aos locais da cidade não apenas com intenções científicas, mas

² Cf. DELEUZE, 2018, p.157.

também estéticas e filosóficas. É preciso buscar superar as limitações subjetivas pela busca de linhas de fuga, isto é, pontes de desterritorialização que conectam o território com o seu fora. Que rompam com sua estagnação ao mesmo tempo em que o fazem fugir (ZOURABICHVILI, 2004).

Aqui entram em cena as máquinas tecnológicas como importantes aliadas. É através de novas formas de agenciamento que outras tantas possibilidades de subjetivação podem ser produzidas, ampliando as capacidades de mapeamento - aqui entendido como processo de sinalização a uma experiência ancorada no real (cf. DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.20). Mais do que a produção de uma representação da cidade (decalque), que encerra as relações que a constituem pela paralisação de seu movimento, trata-se de fazer um mapa que, permanecendo sempre aberto, permite que os elementos permaneçam em movimento.

O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói. Ele contribui para a conexão dos campos, para o desbloqueio dos corpos sem órgãos, para sua abertura máxima sobre um plano de consistência. Ele faz parte do rizoma (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.20).

É preciso ter em mente que um decalque não gera linhas de fuga. Um mapa pode ser decalcado, mas um decalque não pode ser um mapa. O decalque deve ser projetado sobre o mapa (DELEUZE; GUATTARI, 1995). Assim, as tecnologias oferecem novas possibilidades de elementos que podem compor mapas mais complexos: Uma caminhada produz múltiplos agenciamentos; uma caminhada com uma câmera fotográfica produz outros; uma caminhada com uma filmadora ou um gravador de áudio, seja para entrevistas ou captação de som ambiente, produzirá ainda outros. As possibilidades são múltiplas.

O importante é perceber que cada incursão na cidade será diferente das outras, possibilitando novas possibilidades de extração da diferença e apreensão do fenômeno urbano. Independente dos recursos técnicos que forem utilizados, as percepções produzidas estão sempre em débito com os agenciamentos atualizados, uma vez que resultam de um complexo maquínico indiscernível³. Ou seja, não é possível separar o produto do meio em que fora produzido, nem das partes envolvidas na sua produção. Dessa forma, quanto mais variadas forem as experiências, mais potente será a criação do mapa, sensibilizando cada vez mais o cartógrafo para as multiplicidades urbanas. Tudo isso poderá orientar práticas mais consistentes com o meio em que se darão. Sem assumir nenhuma perspectiva como absoluta, fica aberta a possibilidade de consideração de todos os elementos como relativos. Portanto, passíveis de serem afetados por qualquer alteração no meio.

Considerações finais

A proposta de pensar a exploração do fenômeno urbano está alinhada com uma preocupação pela formação na contemporaneidade. É por isso que toma a relação entre o aprender e o território articulada com as múltiplas possibilidades dos aparatos

3 Cf. Entrevista com Anne Sauvagnargues em que discute como os sistemas técnicos compõem uma unidade com o artista em sua produção: "De tal maneira que as criadoras e criadores, as pintoras e pintores, estão cercados de todo um sistema técnico que parece ter sido acrescentado à sua subjetividade, mas que na realidade define a maneira que eles possuem de ver o mundo. [...] Quero dizer que um pintor utiliza sistemas técnicos sempre muito complicados, mas para mim estes sistemas técnicos não são exteriores a ele, são ele mesmo" (RANIERE, Edio; HACK, Lilian. 2020, p.25).

tecnológicos, cada vez mais presentes na experiência cotidiana. Não que isso seja uma vantagem sobre outros momentos da história, mas de fato é uma diferença que se afirma. As formas de agenciamento em que somos colocados têm nos permitido uma grande mobilidade com aparatos técnicos complexos, o que oportuniza experiências muito diversas. Estas por sua vez, colocam o desafio de como operar com o atravessamento de múltiplas variáveis, que não se permitem discernir com clareza umas das outras. Sensibilizar-se a isso é importante para que práticas possam ser pensadas de modo mais abrangente, levando em consideração aspectos menores, muitas vezes invisibilizados pela assunção de determinadas leituras.

Temos de lembrar que a similitude entre o movimento ondulatório das areias e das águas é muito mais perceptível através de meios tecnológicos. É através da comparação entre fotografias ou da aceleração da velocidade de filmagens que os fenômenos tornam visíveis os limites de ressonância dos elementos com o ar. Sem esses artificios, dificilmente o fenômeno das areias seria percebido, e qualquer ação que pudesse ser tomada poderia impactar decisivamente em seu acontecimento. O mesmo pode ser feito com os movimentos de uma cidade, quando através de recursos diferentes somos capazes de colocar em evidência acontecimentos que sequer imaginaríamos possíveis. Basta que não tenhamos medo de abandonar nosso porto seguro, para nos lançarmos no oceano dos movimentos infinitos. Em suma, é todo um esforço para não chegar em contextos externos a nossos territórios e assumir que nada está acontecendo. Seja no alto de uma duna, ou num beco de uma cidade, sempre há forças atuando por todos os lados.

Referências

- DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Ed. 1, Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 1*. Rio de Janeiro: Ed, v. 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 4*. Rio de Janeiro: Ed, v. 34, 1997a.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 5*. Rio de Janeiro: Ed, v. 34, 1997b.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* São Paulo: Editora 34, 2010.
- FUGANTI, Luiz. Aprender In: AQUINO, Julio; CORAZZA, Sandra. (Org.). *Abecedário: educação da diferença*. Campinas (SP): Papirus, 2009.
- GUATTARI, Félix. *Caosmose: Um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 1992.
- RANIERE, Edio; HACK, Lilian. Somos nada mais que imagens. *Revista Polis e Psique*, v. 10, n. 1, p. 6-29, 2020.
- SCHÉRER, René. Aprender com Deleuze. *Educação & Sociedade*, v. 26, n. 93, p. 1183-1194, 2005.